

Capítulo 01

O Monólogo

Ato 1

Tommy estava deitado sobre a cama daquele hotel barato quando o homem com quem acabara de transar saiu do banheiro enrolado em uma toalha branca na altura da cintura. O relógio quadrado no criado-mudo já marcava duas e quinze da madrugada e o tempo parecia passar tão rápido quanto o cigarro em seus lábios queimava.

— Seu dinheiro está embaixo da camisa — disse o homem, apontando para uma camiseta preta jogada no tapete bege.

O garoto se inclinou e pegou o rolo de notas esverdeadas. Em movimentos ágeis com os dedos ele contou 700 dólares e encarou o homem com um sorriso.

— Você merece um pouco mais — disse ele, também sorrindo, enquanto vestia a cueca.

Phil era um de seus clientes fiéis. Casado, pai de dois adolescentes e podre de rico. No auge de seus 50 anos, era um homem atraente, alto e corpulento, com uma barba curtiinha, cabelos grisalhos e pelos no peito. Normalmente, era o tipo de homem por quem Tommy sentiria tesão, mas o sexo com ele era quase sempre uma experiência frustrante. Nada que sete notas de cem dólares não resolvessem.

— Obrigado, Phil.

— Você pensou na minha proposta? — Ele subiu a calça social.

Tommy riu e se levantou da cama, com o cigarro em mãos. Ele caminhou até a janela, observou a rua vazia por entre as persianas e deu um longo trago. Em seguida se virou.

— Você sabe que é loucura — disse, soltando toda a fumaça pela boca.

Phil o fitou de cima a baixo, sentindo-se provocado, e o garoto conseguiu ver o volume do seu pau aumentar dentro da calça. Tommy não poderia culpá-lo, era um rapaz extremamente atraente. Seu corpo magro, mas com braços levemente musculosos, uma barriga chapada e coxas grossas, definitivamente chamava atenção. Seu pau tinha um tamanho médio, nada demais, e sua bunda era esteticamente perfeita, firme e redonda.

Ele era, definitivamente, alguém especial.

Em seu rosto angelical, de olhos azuis e cabelos loiros curtiños, por vezes, havia uma feição instigante, misteriosa.

E ali estava ele, completamente nu, fumando um cigarro. Às vezes, para certos homens, era impossível não se apaixonar por um garoto provocante quanto ele. E Tommy amava se sentir desejado, não podia evitar.

Após vestir toda a roupa, Phil se aproximou e envolveu seus braços ao redor da cintura dele, dando-lhe um beijo no pescoço.

— Até o seu cheiro me deixa louco, sabia?

Tommy se afastou para colocar seu cigarro sobre o cinzeiro no criado-mudo e então começou a vestir sua roupa, um micro short de cetim azul-bebê e uma regata branca.

— É Chanel.

— Um dia você ainda me deixa de quatro por você, garoto.

— Eu sei que você prefere o contrário — disse Tommy ao se levantar, tocando o pau do homem por cima da calça.

Phil deu-lhe um beijo de despedida e apanhou a chave do quarto no criado-mudo.

— Onde você quer que eu te deixe?

— Só me leve de volta.

Quando desceu da Mercedes preta, Tommy deu a volta pela frente e parou ao lado dele, inclinando-se sobre a janela do carro.

— Te vejo semana que vem? — Perguntou o homem.

— Você sabe onde me achar — respondeu o garoto.

— Se cuida, Tommy.

O vidro subiu e ele foi embora, seu luxuoso sedan entrou à esquerda na esquina seguinte e Tommy atravessou a avenida sem pressa, já que o semáforo estava fechado. Considerando que já passava das duas e meia, o movimento naquela parte podia ser considerado relativamente grande, a avenida ficava em um ponto estratégico, berço de diversos bares e boates.

Havia um grupo de três garotas na esquina, usando roupas curtas e joias brilhantes. Ao vê-lo chegando, Susie, a garota magra, de pele negra e cabelo afro, jogou seu cigarro no chão e o pisou com a sola da bota azul-marinho. Ela abriu um sorriso ao perceber que ele parecia feliz.

— Quanto conseguiu? — Ela perguntou, quando o garoto se aproximou, fazendo as outras duas perceberem a presença dele.

Ele tirou o dinheiro do bolso do short e sacudiu na frente do rosto dela.

— Quanto tem aí? — Perguntou Lola, com um belo sotaque brasileiro.

— 700 dólares — ele respondeu, guardando o dinheiro dentro da cueca —, acho que meu aluguel tá pago.

— Quem me dera conseguir um desses, ele não sai do teu pé — disse a terceira garota, Zoe.

— Ele tem me mandando umas mensagens estranhas, me pergunto se ainda está casado.

— Esse tipo de gente faz muita merda para manter as aparências... acredite, ele provavelmente continua casado — comentou Susie, acendendo mais um cigarro.

— Ele me fode, depois dirige até Beverly Hills e deita na cama ao lado da esposa, é uma rotina perfeita, será que não está satisfeito? Estou cansado de homens que se apegam, é tão difícil assim de resistir a esse corpão? — Brincou.

O coro de risadas entre os quatro foi interrompido pela brusca freada de um carro do outro lado da rua, atraindo o olhar dos curiosos. Era um sedan simples, branco, de onde saía uma garota negra de longos cabelos trançados. Ela bateu a porta com força e o motorista arrancou, queimando pneu no asfalto.

- Filho da puta! — Gritou a garota, visivelmente bêbada.
- Mas o que porra... — disse Lola, atravessando a rua rapidamente para acolhê-la.

Ela se agachou e tirou os saltos, segurando-os na mão direita.

- Bambi, o que houve?
- Homem fazendo merda, como sempre — resmungou, cambaleando.
- Ele te machucou? — Perguntou Susie.
- Não, ele levou o meu dinheiro, desgraçado do caralho.
- Eu já estou indo, vamos comigo, te deixo em casa — disse Tommy, quando elas subiram na calçada.

As garotas voltaram a conversar normalmente, não era a primeira vez que Bambi voltava daquela forma. Tinha um temperamento forte e por isso acabava entrando em mais brigas do que gostaria.

Ela sentou no meio fio e ali permaneceu enquanto ele pedia um Uber.

Depois de subir três lances de escada, Tommy finalmente entrou no seu apartamento. Fechou a porta atrás de si e finalmente o mundo lá fora se calou. Estava tudo apagado, deixando a iluminação do apartamento por conta das luzes da cidade que entravam pelas grandes janelas de vidro.

A sala era pequena, com piso de madeira e paredes de tijolos vermelhos, havia um sofá vermelho no canto direito, perto de uma das janelas, e um tapete um pouco mais escuro embaixo. Tinha também um pequeno móvel retangular de madeira do outro lado, perto da porta, onde Tommy geralmente deixava itens aleatórios.

Ele jogou as chaves sobre o móvel e entrou no seu quarto, a primeira das duas portas na longa parede até o final da cozinha, separada da sala apenas por um balcão de mármore. Tommy não precisou acender nenhuma lâmpada, pois a cortina aberta permitia que a luz da cidade clareasse o suficiente.

Sentou-se na cama e começou a se despir. Completamente nu, apanhou um isqueiro e um pequeno cigarro de maconha dentro do criado-mudo e acendeu, em seguida, deitou com o antebraço por baixo da cabeça e encarou o teto enquanto tragava lentamente, sentindo uma súbita sensação de nervosismo invadir seu corpo, a qual o baseado daria conta de levar embora em poucos minutos.

Fazia dois meses desde sua última audição. Desastrosa, diga-se de passagem.

Talvez ele tivesse se acomodado com o dinheiro fácil que ganhava nas ruas. Fácil porque ele não tinha nada a perder e embora muitos considerassem um trabalho perigoso e malvisto, ele não achava. Além disso, era o que pagava suas contas, já que seu emprego

de segunda a sábado em um café minúsculo em Beverly Hills não era suficiente para suprir o estilo de vida pelo qual ele havia adquirido gosto, principalmente depois de conseguir clientes fieis que lhe recompensavam com cada vez mais dinheiro.

É claro que o que ele realmente queria era uma vida de *glamour*, desde pequeno, seu sonho era ser famoso e estampar diversas revistas. Talvez fosse somente uma válvula de escape para a realidade sombria que ele sempre viveu, mas Tommy era um garoto ambicioso e esse sonho era tudo o que almejava alcançar.

De repente, começou a pensar em Phil e nos outros muitos homens com quem havia transado por dinheiro. Nenhum deles chegava perto de satisfazê-lo sexualmente e, para falar a verdade, a grande maioria era formada por homens de idade insatisfeitos com seus casamentos. Ele não esperava que eles o fizessem gozar, tudo o que esperava era dinheiro e presentes, cada vez mais caros e brilhantes.

A única coisa que eles satisfaziam era seu ego. Tommy amava se sentir adorado, ele adorava ser o centro das atenções, colocado em um pedestal e tratado como um ídolo. Aqueles homens proporcionavam exatamente isso.

Mas ele queria mais.

Precisava de alguém perfeito, mas já havia entendido há muito tempo que isso não poderia acontecer nem em um milhão de anos, já havia aceitado que a única pessoa capaz de lhe dar o mundo era ele mesmo, isso o tornou um garoto confiante e independente, mas ao mesmo desenvolveu um sentimento de apatia com relação às pessoas. Tommy não ligava muito para elas, ele não conseguia se apegar ou ligar para ninguém além de si mesmo.

Por outro lado, a ideia de ter alguém enrolado no seu dedo, sob seu domínio — ou contrário —, soava excitante.

Ele abriu um pequeno sorriso pensando na possibilidade e sentiu seu pau endurecer aos poucos. De repente, a imagem de um homem completamente nu veio à mente. Não muito musculoso, mas másculo o suficiente, com tatuagens nos braços e alguns pelos no peito e barriga. Seu rosto era como um borrão, Tommy não conseguia visualizá-lo, mas o corpo estava bem nítido.

Depois de alguns minutos, o garoto fechou os olhos e começou a se tocar. Com a mão direita, fazia movimentos suaves no membro enrijecido, com a esquerda, dava lentas tragadas no cigarro de maconha, que àquela altura, já estava em seu último suspiro, começando a queimar a ponta dos dedos.

Quando colocou o resto do baseado no cinzeiro, com a mão esquerda pôs-se a passear pelo seu próprio corpo, deslizando sobre o abdômen liso e descendo até as coxas. De repente, levantou o joelho direito e levou dois dedos, umedecidos com saliva, até seu ânus, massageando suavemente até deslizá-los para dentro.

À medida que sua imaginação evoluía, ele aumentava a velocidade. Um pequeno gemido, acompanhado uma pequena contração muscular, antecederam o momento em que ele gozou, sujando o abdômen até a extensão do peito.